

## FÓRUM

# Farra visual nos palcos

Teatro e dança fazem a festa do IV Fórum Brasília de Artes Visuais em sua segunda semana de atividades. A programação do meio da semana tem três espetáculos feitos em Brasília, que ocupam espaços diferentes da cidade.

Volta ao cartaz hoje o deboche à atividade teatral feito pelos irmãos Guimarães. Os diretores Fernando e Adriano deixaram um pouco de lado o que já estava sendo chamado de "estética da fuma-einha", numa alusão ao visual requintado dos espetáculos.

Em *A Distância da Lua*, eles colocam em cena os estereótipos do teatro nas maneiras de quatro personagens que estão à procura de um texto. O espetáculo é baseado em texto de Italo Calvino, mas o desenvolvimento da peça tem ares de *Seis Personagens à Procura de um Autor*, de Pirandello.

As citações vão de *Esperando Godói*, de Samuel Beckett a *Casa de Bonecas*, de Ibsen. O ritmo é de *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll.

Tudo com uma boa dose de brasilidade. As personagens dublam Carmem Miranda e Angela Maria. Em participações especiais, outros personagens do mundo teatral: um crítico (Bede Paiva), um diretor (Murilo Grossi) dois espectadores (Welder e Pipó) e um personagem-surpresa (Hugo Rodas).

Dança — A dança de Márcia Duarte

meira "produção independente" fora do grupo que faz sucesso no mundo inteiro.

*Reta do Fim do Fim* explora diversos planos no palco. Alguns bailarinos se penduram em cabos e são puxados às alturas. Outros ficam na superfície, do palco e dos gestos.

O fogo é um dos elementos visuais importantes do espetáculo.

Todos os esforços são feitos para mostrar a idéia da existência como um percurso onde não se pode enxergar o fim.

Márcia conta com ajuda importante da música de André Abujamra.

**Mistura** — Teatro e dança caminham juntos em *Bamboo*, criação da bailarina/atriz Eliana Carneiro posta em prática pelo grupo Os Burity. Uma

verdadeira celebração às belezas do Brasil.

Seguindo a linha de pesquisa experimental, Eliana Carneiro mistura magia e expressão corporal.

Uma concepção telúrica, em que cada elemento da natureza (animais, vegetais, céu, mar, etc) provoca nos bailarinos a vontade de dispendar energia.

Mais esotérico impossível. As coreografias evocam fogo, ritos, festa e até curas. Eliana é também a responsável pelos figurinos e pela pesquisa musical.

As atrações de teatro e dança do Fórum Brasília de Artes Visuais vão até o final de semana. Um dos espetáculos mais esperados é *A Rua da Amargura*, do Grupo Galpão.



*Bamboo, de Eliana Carneiro, faz uma celebração à natureza em clima de pesquisa*

## PROGRAMAÇÃO

■ **A Distância da Lua**  
De Adriano e Fernando Guimarães. Com Dora Wainer, Carmem Moretzsohn, Adriana Nunes, Marisa Mendes Campos e outros. Hoje e amanhã às 20h no Teatro Dulcina.

■ **Reta do Fim do Fim**  
De Márcia Duarte. Com Márcia Duarte, Eveline Gayoso e Marcia Lima. Amanhã e quinta-feira às 21h15 na sala Martins Penna.

■ **Bamboo**  
De Eliana Carneiro. Com Aldo Cruz, Mariza Campos, Maurício Gaspar, Cecília Borges e Tuca Pregonolatto. Quinta e sexta-feira às 19h30 na sala Multiuso do Espaço Cultural 508 Sul.

Jornal Correio Braziliense  
IV Fórum Brasília de  
Artes Visuais

Espectáculo *Bamboo*  
1995

Os burity  
teatro de dança

ÊNICAS



*'Pierrot':  
encontros e  
desencontros  
amorosos,  
passando de gags  
bem-humoradas  
a momentos de  
poesia impulsiva*

## Borelli usa dança para transmitir mensagens

*Coreógrafo e bailarino volta a encenar na cidade o premiado 'Pierrot de Veias'*

JOTABÉ MEDEIROS

O bailarino e coreógrafo Sandro Borelli reestreiá hoje, às 21h30, o espetáculo *Pierrot de Veias*, no porão do Centro Cultural São Paulo. Apresentado em curta temporada em junho, mesmo assim a montagem recebeu indicação ao Prêmio Mambembe de dança e está sendo sondado para ir à Europa (Bremen, na Alemanha, e Bienal de Lyon, na França) e aos EUA (Carolina do Norte).

Sandro Borelli é um dos mais novos talentos da dança paulistana. Com *Pierrot de Veias*, ele iniciou um trabalho de co-direção com a Companhia de Dança de Diadema, ao lado de Ivonice Satie — também diretora do Balé da Cidade de São Paulo. Vencedor dos prêmios APCA de 1992 (revelação) e 1993 (melhor roteiro coreográfico), Borelli tem uma formação clássica: passou pelo Balé Guaíra de Curitiba e pelo Balé da Cidade de São Paulo.

Em 1994, com *Jardin de L'Enfant*, ele começou uma pesquisa em busca do que chama de "teatro coreográfico" e que consiste em "contar uma história por meio do movimen-

to", segundo definiu. "Mas não me liço muito nesse negócio de rótulo, para mim é tudo dança", diz Borelli. *Jardin de L'Enfant* tinha trilha sonora de Jether Garotti, da banda Heartbreakers e também compositor do grupo República da Dança.

Em *Pierrot de Veias*, Borelli também dança, acompanhado de outros dez bailarinos. As músicas da trilha sonora vão de Vivaldi a Milionário e José Rico. O coreógrafo acha que é importante passar

uma "mensagem" por meio da dança, coisa que o balé abstrato não consegue. Por isso, nas 12 cenas do espetáculo, ele encena encontros e desencontros amorosos, passa por gags bem-humoradas e capricha em situa-

ções até realistas, de "poesia impulsiva e rudimentar."

Em uma carreira relativamente curta como coreógrafo, Borelli tem trabalhos pouco conhecidos do público — como *Cão Vadío*, em que os bailarinos dançam um poema de Mário Rudolf, *Dançando a Vida*, ao som de cantos gregorianos. Ironia e humor negro são as principais marcas do trabalho de Borelli, iniciado há pouco mais de três anos. O balé, desta vez, fica seis semanas em cartaz e é o primeiro espetáculo de dança a ocupar o porão do CCSP, "o espaço ideal para *Pierrot de Veias*", segundo Borelli.

**T**RILHA VAI DE  
VIVALDI A  
MILIONÁRIO E  
JOSÉ RICO

## Grupo Buriti estréia com ritual mágico

*Nova companhia de Eliana Carneiro mostra em Brasília o espetáculo 'Bamboo'*

HELENA KATZ

Especial para o Estado

Nasce um novo grupo de dança em Brasília: Os Buriti (buriti é a árvore típica de lá). Na sua direção, Eliana Carneiro, competente criadora da dança contemporânea brasileira, que há tempos andava retirada. Para sua estréia, o grupo preparou *Bamboo*, "uma homenagem celebrativa e mágica da nossa ancestralidade".

*Bamboo* tem 13 cenas, 13 desenhos e 13 pequenos textos. É acompanhado por um libreto, em que a fábula, a poesia e a realidade encontram na fala da vivência tribal a sua voz.

Como se trata do ritual de uma tribo, o grupo se "buritizou". Marcelo Buriti (Marcelo Larrea) assina a cenografia, a iluminação e os adereços; Eliana Buriti (Eliana Carneiro) trouxe os ritos, as músicas e os figurinos, e faz a direção; e os buritis Aida Cruz, Cecília Borges, Maurício Gaspar, Mariza Campus e Tuca Pregnoatto dançam.

Eliana Carneiro nasceu no Rio, e já dançou pelo mundo. Trabalhou com Gerald Thomas na Europa em *O Navio Fantasma* e *M.O.R.T.E.*, foi uma das representantes brasileiras no American Dance Festival, estudou teatro na New York University, participou dos vídeos *Seams* (Nova York) e *Feliz Aniversário Urbana* (Brasília). Mas foram seus solos de dança que a consagraram, no Brasil. Hoje, dá aulas na Universidade de Brasília.

Para realizar *Bamboo*, Eliana pesquisou a harmonia dos ciclos das danças rituais dos orixás, indiana, dos índios brasileiros, africana e brasileira. "Nossa pesquisa se volta para a informação orgânica e ancestral do corpo e do inconsciente e a capacidade natural que temos de entrar em contato com a nossa memória atávica e arquetípica por meio de nosso registro corporal pessoal", diz ela.

*Bamboo* estréia no 4º Fórum Brasília de Artes Visuais e, em seguida, entra em temporada no Espaço 508. Por enquanto, apenas em Brasília.

Jornal O Estado  
de São Paulo

Estréia do Espetáculo  
*Bamboo*  
1995

**Os buriti**  
teatro de dança

Será que Lampião vai entrar no Céu ?

série teatro para crianças  
**LAMPIÃO NO CÉU**

Direção, texto, músicas e figurinos **Eliana Carneiro**

com **Auív Porto**  
**Victor de Seixas**  
**Nilson Muniz**  
**Ricardo Fornara**

Cenografia  
**Marcelo Larrea**

Cantor convidado e arranjos **Jorge Lampa**

Zabumba e efeitos  
**Henrique Menezes**

Contra-regra  
**Merpol**

Produção **eliana e marcelo**

Ilustrações  
**Eliana C.**

**SESC**  
**Ipiranga**

Rua Bom Pastor, 622 CEP 04203-000  
Tel: 3340-2000 Fax: 3315-3419  
São Paulo - Brasil  
e-mail: [emil@ipiranga.sescsp.com.br](mailto:emil@ipiranga.sescsp.com.br)



**sburiti**  
teatro de dança

Divulgação  
Temporada do espetáculo  
*Lampião no Céu*

SESC São Paulo  
1999

## SÉRIE TEATRO PARA CRIANÇAS

### LAMPIÃO NO CÉU

Divertido espetáculo de rua para crianças e adultos, que faz referências às festas populares utilizando elementos regionais como bonecos "cabeções" gigantes, música ao vivo, cantadores e carros alegóricos. É inspirado na rica e peculiar literatura dos cordéis que relata os inúmeros feitos do herói Lampião.

Dias 02, 09, 16, 23 e 30, às 15h, no Quintal. Grátis.



Matéria do Jornal  
Correio Braziliense  
sobre o lançamento  
do Livro  
*Lampião no Céu*  
2003

2 • Brasília, sábado, 3 de maio de 2003 • CORREIO BRAZILIENSE

SUPER!

**varal**  
das letras

## Lampião, o rei do cangaço

E vamos ao teatro! Ah! Como é bom quando as luzes se apagam e o palco se enche de fantasia: personagens alegres e tristes, engraçadas e sérias, humanas ou não.

E ali elas vivem uma história sempre muito interessante, mesmo que diferente demais da vida real. Do lado de cá, sentados e muito atentos, estamos

nós, loucos para o espetáculo começar! E vamos lá...

Só que a peça teatral de hoje será encenada na sua imaginação. O título, vou logo dizendo: "Lampião no céu". O texto também já foi escrito: a autora é Eliana Carneiro. Mas é você, caro leitor, que vai correr os olhos pelo texto da Eliana, imaginando as personagens, os cenários, as roupas e tudo o mais.

Mas... espere! Você conhece o Lampião? Sabe que ele foi o Rei do Cangaço, o terror do sertão? Sim! É claro que sabe! Já ouviu e leu muitas histórias sobre esse meio-herói, meio-vilão, que um dia se perdeu de amores por Maria Bonita e, juntos, fizeram muita aprontação. Pois então... foram tantas, que eles morreram.

E o que será que aconteceu ao Capitão Virgulino, conhecidíssimo Lampião, depois de morto? Não agüento ficar de boca fechada! Vou contar: ele foi para o céu, levado por dois anjos. Mas será que ele teve permissão para entrar no céu, depois de tanta confusão armada no sertão?

Ah!... Isso eu não conto, não. Só mesmo acendendo todas as luzes do palco de sua imaginação e montando a peça que Eliana Carneiro está entregando prontinha para você, leitor! Portanto, mexa-se! Luzes! Ação!



LAMPIÃO NO CÉU

autora: Eliana Carneiro  
Esse livro vai agradar especialmente crianças de 9 e 10 anos e pode ser encontrado nas livrarias da cidade ou, mais facilmente, na Distribuidora de Livros Arco-Iris, que fica na W2 Sul, quadra 509.

# C

Matéria  
sobre o espetáculo  
*Trilogia de Gênios*  
Correio Braziliense  
2006

CULTURA  
CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, sábado, 11 de novembro de 2006  
Editor: Cláudio Aragão / claudio.aragao@correioeb.com.br  
Subeditores: Célia Catto, Mariana Ceratti,  
Natal Faustinho, Sérgio Maggio e Teresa Albuquerque  
cultura@correioeb.com.br  
3214 1178 • 3214 1179



ELIANA CARNEIRO SE TRAVESTE DE MOZART NO ESPETÁCULO PARA CRIANÇAS ESPECIAIS EM ESCOLA DO GUARÁ

**EM FORMA DE TEATRO E DIVERSÃO, PROJETO  
CONQUISTA ALUNOS DE ESCOLAS E PORTADORES  
DE NECESSIDADES ESPECIAIS PARA A MÚSICA ERUDITA**

# Ao alcance de TODOS

NAHIMA MACIEL  
DA EQUIPE DO CORREIO

São 6h da manhã e Eliana Carneiro deixa sua casa, no Lago Sul, com os filhos Naira, 17 anos, e Guian, 7. Na Asa Sul, a flautista Beth Ernest Dias, a pianista Francisca Aquino e a violoncelista Lúcia Ferreira seguem a mesma direção de Eliana: a quadra 306, onde a produtora Naná Maris os espera para seguir rumo às cidades do DF. O primeiro destino é o Caic Juscelino Kubitschek, escola pública de inclusão no Núcleo Bandeirante. O compromisso ali é para as 8h e algumas das 700 crianças atendidas pelo centro já foram avisadas pelas professoras de que a quinta-feira é dia de teatrinho. Em seguida, o grupo retoma o ônibus cedido pela Real Expresso para desembarcar no Centro de Ensino Especial do Guará. São 140 crianças, adolescentes e adultos portadores de necessidades especiais que aguardam a apresentação às 10h30. À tarde, a trupe volta para o Caic do Núcleo Bandeirante. No palco improvisado, Guian vai virar Mozart, Naira será Carlos Gomes e Eliana encarnará Radamés Gnattali. Ao trio formado por Beth, Francisca e Lúcia cabe executar as peças dos compositores.

O projeto concebido pela produtora Naná Maris, professora da Escola de Música de Brasília

(EMB), resulta de um trabalho iniciado no ano passado com as séries de concertos para crianças. Naná queria encontrar maneiras palatáveis de levar música clássica às crianças. Produziu dois concertos sobre Mozart e Beethoven, que misturavam encenação e música. Apresentou no Teatro Nacional e gostou da reação da plateia. Decidiu então estender o projeto. Procurou Eliana Carneiro e criou a *Trilogia de gênios da música*. O espetáculo, viabilizado por um prêmio da Petrobras, nasceu com pensamento focado em crianças com necessida-

## TRILOGIA DE GÊNIOS

Dia 17, às 20h, na Casa Thomas Jefferson (706/906 Sul). Entrada franca.

des especiais. "As músicas são movimentadas e alegres, para atrair a atenção. E uma locução conta a essência dos personagens", explica Naná. Os personagens não falam durante o espetáculo. O único som, além da locução, vem da música executada pelo trio. Para facilitar a conexão imediata com as crianças, Eliana optou por explorar a linguagem dos palhaços. "A idéia foi trazer certa inocência e ingenuidade que essas crianças possuem. O clown tem muito essa brincadeira de subverter a ordem do mundo e essas crianças subvertem a ordem", explica a atriz e diretora. A excursão de quinta-feira foi a primeira do projeto. Mais 10 sessões serão feitas em seis escolas até o fim do mês. Na próxima sexta-feira, o grupo faz apresentação aberta ao público na Casa Thomas Jefferson.

“ A MÚSICA CLÁSSICA NÃO PRECISA SER SÉRIA. VOCÊ PODE FAZER MUITA COISA COM ELA, PODE DANÇAR. E NÃO PRECISA ESTAR LIGADA SOMENTE A UMA FORMA CLÁSSICA DE EXPRESSÃO ”

Eliana Carneiro, atriz

## Clássico sem sisudez

A montagem do cenário — uma lona com retratos dos rostos de Radamés Gnattali, Carlos Gomes e Mozart — e do equipamento de som não leva mais que 30 minutos. Beth toca flauta transversa, Francisca, um teclado Kirzweil, e Lúcia, o violoncelo do qual não se separa nem na hora de desmontar a cena. Os camarins são improvisados atrás da lona. Ali, 10 minutos antes do espetáculo, o pequeno Guian emplastra o rosto com pancake branco e desenha as bochechas e a ponta do nariz vermelha, tal qual um palhaço. Faz tudo sozinho, sob supervisão da irmã Naira, acostumada a subir ao palco com a mãe desde os 6 anos. Na cena, o trio afina os instrumentos com uma passagem de *A rosa*, de Pixinguinha. Thays Araújo, de 16, não resiste e imita uma bailarina na frente do trio. Quando começa o espetáculo e Eliana entra vestida de Mozart, acompanhada de Guian (espécie de versão reduzida do compositor), a adolescente se entusiasma novamente com os passos de dança dos dois atores. Coincidentemente, é a parte preferida de Guian. "A gente faz palhaçada, eu gosto", explica.

Depois de Mozart, é a vez de Carlos Gomes. O personagem entra em cena com bigodes e pernas de pau. Thays se assusta e sai correndo, mas a maioria das crianças quer mesmo é dar as

mãos ao personagem e brincar de roda ao som de valsas e da abertura de *O guarani*. No quadro destinado a Radamés, cresce a interação. Vestida como um cavaleiro dos anos 1920, Eliana dança e põe o chapéu em Ricardo das Dores, 37 anos. O rapaz faz pose de galã e aceita o papel.

Em seguida, Guian, vestido de gato, uma das paixões de Radamés, brinca com as crianças ao fazer rolar uma bola de silicone. "A música clássica não precisa ser séria. Você pode fazer muita coisa com ela, pode dançar. E não precisa estar ligada somente a uma forma clássica de expressão", garante Eliana. O resultado é tão cativante que Renata Almeida, 17 anos, não se move do banco durante os 45 minutos de espetáculo. "Ela gosta de ficar andando, interagindo, é muito agitada. A música clássica funcionou como calmante", constata a professora Maria José de Deus. Encerradas as apresentações da manhã e da tarde no Guará, hora de desmontar tudo e correr de volta para o Núcleo Bandeirante.

O apaixonado No Caic do Núcleo Bandeirante, a situação é bem diferente do Guará. Cada professora tem média de 20 alunos e há turmas de inclusão. Crianças com

necessidades especiais estudam junto com os demais alunos. Na cena montada no pátio de entrada da escola, atores dividem o camarim com alunos na hora do recreio. Não há espaço reservado, o que não intimida Eliana, Guian e Naira. O público é mais numeroso e barulhento, mas não menos atento. O pequeno Michael do Amral, 9 anos, trouxe serpentina para jogar nos atores, mas desiste da idéia no meio da apresentação. "É uma peça animada, com música de animação", descreve.

Igor Melo, 7, se emociona com o quadro de Radamés. A cena de namoro entre o compositor e a amada figa o menino, que mora no orfanato Nossa Lar. "Gostei mais porque ele está apaixonado", explica. Já Cristian Mateus Santos, 11, prefere o quadro de Carlos Gomes e suas pernas de pau. "Gosto das valsas. Elas têm um ritmo legal, mais bonito." O espetáculo termina às 17h15 e agora a movimentação se dá nos bastidores. Francisca comenta que, atrás do teclado, nem sempre pode observar a emoção das crianças. "As músicas são difíceis e preciso me concentrar", explica. Atores e músicos tiram a maquiagem, Guian pega de volta seus dois cachorros de pelúcia e Beth comenta: "Ai, de volta à vida normal".



MONTAGEM DO PALCO DA TRILOGIA DURA MEIA HORA

EM NOVA TEMPORADA NO CCBB, PEÇA TEATRAL CONTA COM MÚSICA E FIGURINOS ORIGINAIS PARA ENCANTAR O PÚBLICO

DA REDAÇÃO

O Capitão Nazo é um sujeito de sobranças grossas, bigode abundante, olhos freqüentemente arregalados – e um nariz que, por pouco, não deixaria Pinóquio com inveja. Em busca de riquezas, o intrépido aventureiro parte em uma caravela que é engolida por ondas gigantes durante a viagem além-mar. Nazo, no entanto, sobrevive às tormentas e acorda em uma ilha distante, onde acaba sendo adorado por uma tribo que, curiosamente, se chama nãna-rigudos. A trama, que ainda reserva muitas surpresas ao capitão e ao público, faz parte do espetáculo *Cordas, contos e cantos*. Após uma bem-sucedida temporada no ano passado, em que foi vista por cerca de 2,5 mil espectadores, a montagem retorna ao Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), trazendo novamente um espetáculo que inclui projeção de filmes, bonecos, música ao vivo, dança e figurinos dos mais criativos. Há exhibições amanhã e domingo, às 16h.

Na montagem, cinema e teatro dialogam, com os atores do palco interagindo com o que é exibido na tela. Ao todo, o espetáculo é formado por cinco histórias, entre elas *Capitão Nazo* – um curta-metragem estrelado pela atriz Eliana Carneiro, que encarna o personagem e também assina a cenografia, os figurinos, o roteiro e a direção de arte de *Cordas, contos e cantos*. Tambores, violões, pífanos, alfaías e outros instrumentos são utilizados para os números musicais, dos quais participam o elenco da peça, o músico André Togni, do grupo Casa de Farinha, e crianças da Associação Cultural TamNoá, Tambores do Paranoá, com o acompanhamento de Randal Andrade. É ao som deles que o público assiste a *No começo do mundo*, história que abre o espetáculo, mostrando os mitos de origem do universo por meio de música e imagens projetadas.

Para construir um painel que remeta ao universo mítico de tribos primitivas, seres imaginários e à

Fotos: Hiram Vargas/Especial para o CB



MÁSCARAS DA PEÇA DE ELIANA CARNEIRO, QUE MISTURA MÚSICA, TEATRO E FANTASIA

#### CORDAS, CONTOS E CANTOS

Até 25 de fevereiro, com sessões aos sábados e domingos. Amanhã e domingo, às 16h, no Centro Cultural Banco do Brasil (Setor de Clubes Sul). Ingressos: R\$ 15 (inteira) e R\$ 7,50 (meia). Informações: 3310-7087.

e *cantos* é um espetáculo para todas as idades. “Nossa proposta é fazer uma montagem para as mais variadas faixas etárias. Tanto os adultos quanto as crianças ficam emocionados”, afirma ela. O espírito família da peça também pode ser conferido ali, no palco. Os dois filhos de Eliana, Naira e Guian, fazem parte do elenco. “Muitas das histórias encenadas surgiram a partir do que contava para eles quando eram pequenos”, revela a mãe, a capitã artística da família Carneiro.

miscigenação racial e cultural brasileira, a montagem conta com um inusitado e criativo figurino. Ao lado de Mônica Luni, Eliana criou roupas e objetos de colorido intenso (entre eles, um vaso), feitos apenas com cordas. “O design remete às culturas das tribos, que possuem o hábito de tecer as próprias roupas. Também utilizamos uma técnica para conseguir amarrar as cordas sem precisar de outro material”, explica Mônica.

A riqueza plástica também pode ser conferida nas máscaras de inspiração africana, cubista e aborígene, que encantam pelas formas geométricas e quantidade de detalhes. Os nãna-rigudos, por exemplo, têm as suas. A tribo dos lelêbotocudos (personagens de *Capitão Nazo*) também. “As crianças têm a imaginação aberta e prestam muita atenção nos figurinos. O tratamento visual do espetáculo é muito importante para despertar sensações nelas”, diz Eliana, que pesquisou em livros algumas referências para elaborar as máscaras, feitas com papel-cartão e pintadas com tinta de parede. Elas foram confeccionadas com a ajuda do artista Oriol Abella.

A diretora-atriz-roteirista ressalta que *Cordas, contos*

# A volta do Capitão NAZO



VEJA MAIS FOTOS NO SITE  
WWW.CORREIOBRASILENSE.COM.BR/FOFESMANA  
EXCLUSIVO PARA ASSINANTES

Matéria de divulgação da temporada do espetáculo *Cordas e Contos* Correio Braziliense 2007

# Grandes nomes no palco

ESPETÁCULO *TRILOGIA DE GÊNIOS DA MÚSICA*  
ENSINA SOBRE A VIDA E OBRA DE MOZART,  
CARLOS GOMES E RADAMÉS GNATTALI

DA REDAÇÃO

**O** que Mozart, Carlos Gomes e Radamés Gnattali têm em comum? Além de, cada um na sua época, terem mandado muito bem na música erudita — que costuma ser chamada de música clássica, eles são os compositores escolhidos para o espetáculo *Trilogia de gênios da música*, que será apresentado amanhã, às 17h, na Funarte, ao lado da Torre de TV,

como parte do maior festival de arte de circo do Brasil, o FestClown.

E as coincidências não param por aí. Naná Marins, idealizadora do projeto e professora de percepção musical na Escola de Música de Brasília, conta que a escolha dos três compositores não foi à toa. No ano passado, quando a peça foi montada e apresentada para muitas escolas

de educação especial do DF, seria aniversário de 250 anos de Mozart, 170 anos de Carlos Gomes e de 100 anos de Radamés. Eles estariam bem velhinhos, né?

O *Trilogia* mistura artes de circo, teatro e muita música ao vivo — com piano, violoncelo e flauta transversal — em uma combinação divertida e educativa. Eliana Carneiro é quem comanda a parte cênica do espetáculo com o grupo Os Buriti — composto por ela e seus filhos Naira, 18 anos, e Guiã Caneiro, 7 anos. Ela quer que a peça agrade a crianças de 2 a 90 anos. E para isso, os compositores serão vividos por palhaços no palco.

— Os palhaços têm uma comuni-

cação direta com as crianças, porque eles vivem no mundo da fantasia, da leveza, e viram o mundo de cabeça para baixo, explica Eliana.

E se você acha que música erudita é a coisa mais chata do mundo, música de adulto, você precisa assistir ao *Trilogia de gênios*. As produtoras garantem que você vai mudar sua cabeça.

— Uma vez, um menino chegou perto da gente antes do espetáculo e disse que estava ali obrigado e que não gostava da música. No final, nós nos encontramos e eu perguntei se ele tinha gostado e ele respondeu 'é até legal, tia', conta Naná, aos risos.



Débora Amorim/Divulgação

## PARA SABER MAIS

*Coleção no caminho das artes — Música*

Autora e ilustradora: Raquel Coelho

Editora Formato

56 páginas

Preço: R\$ 25,40

De maneira bem divertida e didática, com belas ilustrações, o livro fala sobre a história e os elementos da música, o surgimento e as características dos instrumentos e sobre o desenvolvimento da música no Brasil.



Raquel Coelho/Reprodução

## FESTCLOWN

Ainda dá tempo de conferir o maior festival de artes de circo do Brasil, o FestClown, que acontece até amanhã na Funarte, ao lado da Torre de TV. Hoje, às 17h, tem o espetáculo *Rinbombar*, com a malabarista argentina e artista de rua, Maku Jarrak. Às 19h, a atriz inglesa Felícia Johansson interpreta Celestina, na peça *A Vida Revista: fantasias burlescas de uma boba*: uma funcionária insatisfeita de uma grande empresa, que adora ler revistas femininas e sonha ser o que não é. Às 21h, os Doutores da Alegria apresentam *O inventário*, com cenas das visitas do grupo a crianças em hospitais. Às 23h, tem show de variedades no *Clownbaré*, circo montado na área externa da Funarte. Amanhã, às 16h, o palhaço e mágico de Brasília Carlos Steiner faz seu show. Às 17h, tem *Trilogia de gênios da música* (leia mais nas páginas 6 e 7). Às 19h, os palhaços Zambelê e Lajota apresentam a história da Chapeuzinho Vermelho na linguagem dos palhaços. Às 21h, os Doutores da Alegria voltam com *O inventário*. As entradas para os espetáculos custam R\$10 (inteira) e R\$ 5 (meia), para comerciários e estudantes.

Matéria de  
divulgação do espetáculo  
*Trilogia de Gênios*

Correio Braziliense  
2007

## GENTE DA CIDADE



B. Paiva dirige Teatro Nacional há dois meses

## Lenda da arte cênica

CRISTINA FAUSTA  
REPÓRTER

A história do cearense José Maria de Bezerra Paiva, 75 anos, se confunde com a da criação das primeiras escolas brasileiras de teatro. Empossado como diretor do Teatro Nacional Claudio Santoro há pouco mais de dois meses, B. Paiva, como é conhecido, diz que sua gestão está na fase de "estudo da casa", mas sua biografia faz com que o público e funcionários da instituição esperem uma gestão de excelência. "Não sei se tenho competência para ocupar este cargo. Estou analisando as pautas e as necessidades da casa", afirma.

A arte e a determinação estão no seu DNA. "Algumas coisas aconteceram porque seguí o exemplo de meus antepassados", diz. Ele é neto do primeiro fotógrafo de que se teve notícia no Brasil, o português João Francisco de Oliveira. Do fotógrafo nasceram dois filhos: o pianista João de Oliveira Paiva e o escritor Manoel de Oliveira Paiva, considerado pela crítica um dos melhores escritores brasileiros. Na linhagem ainda há o compositor Alberto Nepomuceno e Bezerra Menezes, que difundiu o espiritismo no Brasil.

Na infância em Fortaleza, B. Paiva fugia das aulas no ginásio para fazer teatro. "Não era o uma escola de verdade, ensaiávamos com técnicas e espaços improvisados", conta. A família não podia ajudar, mas ele já tinha a sua própria maneira de fazer teatro e cultura.

as artes cênicas, razão pela qual deixou casa de seu pai aos 15 anos. "Meu pai dizia que teatro era coisa de malandro, mulher da vida e mariquinha. Pedi esmolas e juntei dinheiro para ir ao Rio de Janeiro", relata.

Em terras fluminenses teve um encontro feliz com um jornalista que o levou para morar na casa de Pascoal Carlos Maia, o responsável pela política cultural do Governo Juscelino Kubitschek. Já adulto, passou a exercer a função de jornalista cultural. Mas, a saudade o levou de volta ao Ceará em 1963, onde dirigiu o Departamento de Cultura e criou a primeira secretaria de cultura regional do país.

A rigidez do regime militar causou nova ruptura com a cidade natal. "Minhas peças passaram a ser censuradas", conta. De volta ao Rio foi eleito diretor do Conservatório Nacional de Teatro e trabalhou na Escola Martins Pena, a mais antiga escola de teatro do Brasil.

Em 1968, teve seu primeiro contato com Brasília. Veio dirigir a peça "Um úsque para o rei Saul", num monólogo encenado pela atriz Glaucete Rocha. Mudou-se para capital definitivamente em 1980. Aqui, trabalhou no Ministério da Cultura e foi professor de Teatro na UnB e na Faculdade Dulciana de Moraes. Questionado sobre suas expectativas, ele é categórico: "São as expectativas de quem tem a oportunidade de trabalhar com teatro e cultura".



Concerto homenageia três gênios da música: Mozart, Carlos Gomes e Radamés Gnattali

## Espetáculo junta circo, dança e música clássica

MARIA JÚLIA LLEDÓ  
REPÓRTER

"Respeitável, público. Com vocês, no picadeiro, três gênios da música erudita: Wolfgang Amadeus Mozart, Antônio Carlos Gomes e Radamés Gnattali". Essa é a proposta do espetáculo-concerto "Trilogia de Gênios da Música" que se apresenta às 17 horas, no dia 1º, no encerramento do 3º Sesc Festclown - Festival Internacional de Palhaço. Pela primeira vez, o evento recebe um espetáculo amparado pelos alicerces da música clássica. "Eu acho que projetos feitos de forma divertida e acessível, cativam o público e aproximam as pessoas deste estilo musical", constata Naná Maris, responsável pela concepção e direção musical do projeto.

No elenco, três atores fazem as vezes de palhaços e dançarinos. No palco, Eliana Carneiro (também diretora cênica do espetáculo), Naira Carneiro e Guian. Também em cena, os músicos Sidnei Maia (flauta transversal), Lúcia Ferreira (violoncelo) e Francisca Aquino (piano). A música clássica, colocada por muitos num pedestal, desmistifica-se e adentra outros espaços na fi-

gura do palhaço, aproximando o público infantil e adulto desse gênero musical.

Didático e lúdico. Assim poderia ser definido o espetáculo. Ainda segundo Naná, que também é professora da Escola de Música de Brasília, o público que nunca teve contato com música clássica também pode esperar uma linguagem "muito leve, dinâmica e mágica, que leva a música e uma breve história do compositor" para o palco da sala Plínio Marcos, no Complexo Cultural Funarte (Eixo Monumental, próximo à Torre de TV).

A escolha dos músicos que formam a trilogia se deu pelo fato de que Mozart, Gomes e Gnattali celebraram no ano passado, 250, 170 e 100 anos, respectivamente. Criado a princípio com o objetivo de levar as crianças ao teatro, o projeto conseguiu o apoio da Funarte e o patrocínio da Petrobras e pôde ser colocado em prática, comemorando sucesso de público nas 11 apresentações feitas em novembro de 2006.

A partir da experiência adquirida depois da realização de outro projeto, o "Concerto para Crianças", Naná percebeu que o custo do ônibus, do ingresso, do teatro,

das pessoas que acompanhavam as crianças, "tudo isso para as escolas públicas é mais difícil". O Hospital Sarah Kubitschek também levou um grupo de dez crianças com alguma deficiência para o teatro, e todo o processo foi bastante complicado.

Num trabalho contínuo em busca de patrocínio, toda a equipe responsável pela realização do espetáculo busca espaço para poder se apresentar em comunidades carentes, escolas inclusivas e especiais da rede pública, e outras instituições que abracem a causa. "A dificuldade que encontramos é principalmente de apoio financeiro. A cultura é colocada de lado e precisamos de políticas culturais efetivas. Não só o Governo do Distrito Federal, mas o Governo federal precisa atentar a isso", conclui. Ainda neste ano, no mês de junho, Naná Maris e Eliana Carneiro planejam outra parceria. Dessa vez, planejam a terceira edição do "Concerto para Crianças", que em 2007 presta uma homenagem ao músico norueguês Edvard Grieg (1843-1907), outro gênio da música. O valor da meia-entrada para o espetáculo "Trilogia dos Gênios da Música" é de R\$ 5,00.

Matéria sobre o  
espetáculo  
*Triplogia de Gênios*

Hoje em Dia  
2007

osburiti  
teatro de dança

## CINEMA

» Produções brasileiras estão entre os 68 filmes que participam de concorrida mostra em Florianópolis

# Curtas para criança curtir

» RICARDO DAEHN

Em pouco mais de 21 minutos de produção audiovisual, a diretora Eliana Carneiro responde por forte representatividade na 8ª Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis, que segue até 12 de julho. Entre 68 curtas-metragens competidores no evento, a pedagoga formada pela Universidade de Brasília (UnB) conseguiu emplacar seis fitas, todas saídas de um pacote de uma dúzia de filmes financiados pela Inter American Foundation. "O que atrai as crianças são histórias bonitas que tenham significado no processo de transformação, de amadurecimento e no jogo de perdas e encontros infantis", comenta a artista múltipla, capaz de se desdobrar entre as funções de diretora, roteirista e diretora de arte, isso além de assinar as letras de composições feitas em parceria com Jorge Brasil (violonista do grupo Mandrágora).

"As mensagens são transmitidas pela música. De forma simbólica, prevalece uma linha de conteúdo mais poética e humorada, sem abordagem taxativa. Os filmes falam sobre a beleza da diversidade e levam à observação e questionamentos, com ênfase numa consciência mais harmônica e solidária", conta Eliana Carneiro. O lote de fitas foi produzido no ano passado, por meio de projeto do Instituto dos Direitos da Criança e do Adolescente (Indica). Entre os temas que celebram a diversidade, figuram as diferenças de raças e de gêneros, sexualidade, regionalismo, crédulos religiosos e limitações econômicas. "São obras que já circulam em escolas públicas da cidade, com a finalidade de gerar debates, especialmente nas escolas públicas", conta a diretora, também autora de *O livro das grandes perguntas*.

À frente do grupo Os Buritis, a diretora (que, atriz, já foi vista em filmes como *Feliz aniversário, Urbana*; *Kenoma* e *A concepção*), há uma década se especializou no universo infantil, tendo a companhia dos filhos Naira e Guian. Na mesma corrente de diálogo entre teatro e cinema, há dois anos, vale lembrar, esteve em *Cordas e contos* (montagem no Centro Cultural Banco do Brasil). Criados com injeção de R\$ 30 mil, os curtas alinhados na competição da mostra em Florianópolis (que terá premiação de R\$ 1 mil, entre filmes de 12 estados), *Dois mundos separados*, *Eu quero a paz*, *Me dou com todo o tipo de gente*, *Menino e menina*, *Palhaços* e *Tocar as estrelas* exploram habilidades em dança e teatro de Eliana Carneiro.

Dispensando o habitual emprego de animação — muito associada aos produtos do segmento infantil —, Eliana usou bonecos nos vídeos que trazem atuações dos filhos dela, de portadores de

Piu Gomes/Divulgação



Cena de um dos filmes da diretora brasileira Eliana Carneiro (*Todo tipo de gente*), que está na mostra de curtas-metragens infantis em Santa Catarina

necessidades especiais e de integrantes do grupo Tamnarua (com tocadores de tambor do Paranoá). Cumprindo temporada somente até hoje, no Complexo Cultural Funarte São Paulo, com a peça *O marajá sonhador e outras histórias*, a ex-professora do Departamento de Artes Cênicas da UnB, especializada em teatro experimental pela New York University, garante que acompanhará a exibição da leva de seis fitas, a partir de 4 de julho. Um júri mirim vai auxiliar na escolha do vencedor do troféu Catarininha, a ser anunciado no encerramento da mostra (12 de julho) que mobiliza, além de público agendado via escolas, público espontâneo pagante (concentrado nos fins de semana).

## Na telona

Outras produções brasileiras em competição na 8ª Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis

» *A ilha* (de Alê Camargo). No filme, um rapaz fica ilhado, em meio à trama movida por ação e mistério.

» *A menina espantado* (de Cássio Pereira). Reprimida nos estudos pelos pais, menina de região agrícola se empenha em alcançar a alfabetização.

» *A menina que pescava estrelas* (de Italo Cajueiro). Parábola materna sobre a vida, que se

propõe a alertar o público infantil sobre aquilo que é inexplicável.

» *As fadas da areia* (João Batista Melo). Baseado em livro de May Shuravel, se atém ao cotidiano praiano da menina Laura, que pretende topiar com fadas.

Matéria sobre os curtas metragem *Todo Tipo de Gente* na 8ª Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis

Correio Braziliense  
2009

os buriti  
teatro de dança



Grupo "Os Buriti" trabalha com as linguagens da dança, do teatro, dos bonecos e da música, para contar histórias com humor e magia.

## Caravana "Os Buriti" visita Silvânia e leva arte educação às escolas

**osburiti**  
teatro de dança

### Curso Técnico

UBEC-CENTAF realiza processo seletivo para segunda turma do Curso Técnico em Agropecuária  
PÁGINA 14

### Editorial

O que realmente é importante para nossa felicidade?  
PÁGINA 6

### Saúde

Dra. Daniela Oliveira Sousa  
Doenças psicossomáticas  
PÁGINA 13

### Dicas para Viver Bem

Maria Vianna  
PÁGINA 18



De 22 a 27 de novembro, Silvânia recebeu a visita da Caravana Buriti. Trata-se de um projeto de um grupo de teatro de dança do Distrito Federal denominado "Os Buriti" que percorreu, em 2010, nove municípios de Goiás e do Mato Grosso do Sul levando arte educação através de oficinas de corpo, expressão e saúde, dança-educação, iniciação musical, boneco e circo para professores, crianças e jovens. Diversas atividades foram desenvolvidas nas escolas de Silvânia em parceria com a Prefeitura de Silvânia, através da Secretaria Municipal de Cultura. No dia 27 de novembro foi realizado um evento organizado pelo grupo e pela Secretaria, em frente a Igreja do Bonfim com a participação das escolas. A Prefeita Gilda Naves e vários assessores estiveram presentes. Quem prestigiar pode conferir um belo espetáculo.

### Qual é a sua?

O professor Edmar Cotrim lançou o livro "Qual é a sua?", pela Editora CEAC, dirigido ao público infanto-juvenil  
PÁGINA 16

### Se liga na história

Cida Sanches  
Tragédia em tradicional família bonfinense - 1927  
PÁGINA 18

### Correio Eletrônico

Márcia Souza  
PÁGINA 6

### Sociedade

Izelda & Zaher  
PÁGINA 17

## Caravana "Os Buriti" visita Silvânia

O Grupo que espalha cultura e arte por onde passam, realizaram várias ações em Silvânia. Durante a estadia na cidade, foram desenvolvidas nas Escolas Municipais Geraldo Napoleão de Sousa, Manoel Caetano, Aprendizado Marista, Biblioteca Municipal e na praça da Igreja Nosso Senhor do Bonfim, oficina de Contação de Histórias, oficina de "Corpo e expressão", oficina de teatro e oficina de percussão, tudo de graça. O evento foi promovido pela Secretaria Municipal de Cultura.



Jornal A Voz  
Silvânia - GO  
Caravana Buriti  
2010

# Diversão & Arte

CORREIO BRAZILIENSE • Brasília, quinta-feira, 30 de dezembro de 2010

Edilson Rodrigues/CB/DA Press



Matéria sobre a  
*Caravana Buriti -  
Arte e Educação na Estrada*

Correio Braziliense  
2010

COMANDADA PELA DIRETORA E ATRIZ ELIANA CARNEIRO, VIAGEM POR CIDADES DO INTERIOR DE GOIÁS LEVOU MÚSICA E TEATRO PARA AS COMUNIDADES



## CARAVANA DE BRINQUEDO



» MARIANA MOREIRA

Fim de semana em uma cidadezinha do interior. Um ônibus antigo, todo colorido, para na praça central e dele saem figuras incríveis, personagens vindos do sonho de qualquer criança, maquiados, vestindo retalhos, trajes de chita, pernas de pau, transbordando de histórias para contar e experiências para dividir com a meninada local. Com pequenas variações, essa cena se repetiu em nove cidades de Goiás e Mato Grosso do Sul, entre os meses de setembro e novembro.

Os artistas mambembes são integrantes da companhia Os Buriti, que se mudaram de mala, cuia e figurinos para o caminhão-palco-camarim. Enquanto durou a Caravana Buriti — arte, educação e saúde na estrada, eles rodaram cidades do Centro-Oeste para ministrar oficinas de dança, teatro, música e circo, além de apresentar espetáculos e atividades interativas nas escolas locais. A peripécia foi filmada, está em fase de edição e deverá, em breve, ser transformada em documentário.

A dona da ideia é a bailarina, diretora e professora Eliana Carneiro, da companhia de teatro-dança Os Buriti, que acumula décadas de dedicação à arte-educação. O sonho de levar inspiração e criatividade a lugares remotos começou há anos, quando sua trupe integrou o projeto Conexão Cultural, que convidou artistas de todos os cantos do país para se apresentarem em um caminhão, onde houvesse gente para assistir. A essa vontade, Eliana adicionou a constatação de que existe um desperdício dos professores para despertar os alunos para a arte em sala de aula. "Querida trabalhar com a perspectiva de movimento, autoexpressão, autoconhecimento, mais saúde e felicidade, sem deixar de lado o foco inspirador e a preocupação com a natureza. As escolas não têm preparo, o governo não investe e ninguém tem paciência de estimular esse universo", relata.

Durante mais de dois meses, a casa da companhia foi um motor home americano, fabricado em 1976, comprado em um ferro-velho e praticamente reconstruído para a aventura no cerrado. O lar sobre rodas ganhou cama de casal, beliche, guarda-roupa, mini sala, cozinha e banheiro pequeno. Mesmo completamente

recauchutado, estragou em alguns pontos da viagem e obrigou a mudanças na rota.

O plano original era chegar a Corumbá, no Mato Grosso do Sul, mas, por segurança, a companhia decidiu privilegiar o estado de Goiás. As cidades escolhidas foram Anápolis, Cocalzinho, Alto Paraíso, Aragoiânia, Rio Verde de Goiás, Bonfinópolis, Orizônia e Silvânia, em território goiano, além de Anastácio, no Mato Grosso do Sul. Em cada uma delas, o veículo era estacionado em um lugar seguro, limpo e com água encanada, para garantir os banhos dos artistas. A rede de contatos foi estabelecida pelo Ponto de Cultura, projeto do Ministério da Cultura presente em milhares de cidades do país. Eliana e sua equipe dispararam e-mails a esses pontos e os escolhidos foram os mais interessados. A alimentação durante a estadia da equipe, de aproximadamente uma semana em cada lugar, ficava a cargo do município.

### Magia

Uma vez acomodados, os integrantes da caravana davam início à vasta programação de encantos. Todos os dias, de manhã e à tarde, apresentavam o espetáculo *Varal de histórias* nas salas de aula de bairros carentes. A peça leva as crianças a uma viagem sensorial completa. Os atores entram, preparam um chá com ervas colhidas na cidade, "para espantar os males do corpo e contar histórias que curam o coração e alimentam a imaginação", descreve Naira Carneiro, também atriz, filha de Eliana e integrante da caravana. Cantam, dançam, sapateiam, tocam instrumentos feitos de material reciclável e apresentam personagens, como um jacaré de madeira nadando em um rio poluído, e cabe as crianças escolher seu destino.

Outros personagens que inspiram a meninada são o circense Chiquinho Gira-Gira, que leva as crianças a inventarem as histórias de seus colegas de picadeiro, e dona Filó, uma senhora que mora na roça e relata as peripécias dos netos à plateia. "Quando visitamos comunidades indígenas, levamos uma boneca que vive em uma aldeia e conta os hábitos e brincadeiras locais", descreve Naira. A interação começa quando os alunos são convidados a dançar e reproduzir movimentos vistos nas

histórias dramatizadas. Eles também tocam instrumentos, aprendem a confeccioná-los e, por fim, fazem um desenho livre sobre o encontro com o grupo. São essas ilustrações que depois ficam expostas em varais na sala de aula.

Enquanto isso, os interessados podiam se inscrever em oficinas de iniciação musical e percussão, circo ou perna de pau. Os professores, além de receber orientações metodológicas, participaram de uma oficina sobre expressão, corpo e saúde, estendida também a agentes de saúde dos municípios. "São conceitos para os professores desenvolverem trabalho corporal na sala de aula. Trabalhar com arte afeta a saúde, por isso os agentes foram incluídos. Um deles achou que as atividades ajudariam no trabalho que ele faz com um grupo de hipertensos", revela Naira. Nem só a comunidade acadêmica pôde usufruir do programa. Praças e espaços públicos da cidade também receberam apresentações de peças do grupo.

Durante o trajeto, um triste retrato da educação se revelou: além do despreparo do corpo docente, é preciso driblar as péssimas condições das escolas. "Encontramos estruturas destruídas, salas lotadas, escuras, sem ventilação. Professores com carga horária enorme e sem possibilidade de reciclar os conhecimentos. Uma escola na cidade de Silvânia tem verba anual de pouco mais de R\$ 3 mil", descreve Eliana Carneiro.

Mas a experiência também revelou a maior das recompensas — a satisfação das crianças. "Um menino me disse que aquele era o dia mais feliz da vida dele. Outra aluna me deu uma carta toda enfeitada de flores e teve uma criança que escreveu uma história para mim", orgulha-se Naira. É essa retribuição que faz a trupe sonhar em manter o velho ônibus na estrada, estimulando artistas a se aproximarem cada vez mais da escola. "Nelas é que a gente vai realizar as transformações e os encontros", acredita Eliana.

**Companheiros**  
Além da diretora do grupo Os Buriti, Eliana Carneiro e sua filha Naira, a caravana contou com mais dois integrantes: Carlos Frazão, fundador da ONG Tarnod — Tambores do Paraná, que desenvolve um trabalho musical com crianças da periferia acumulou as funções de motorista e professor de percussão. Nilo Carneiro, sobrinho de Eliana, filmou e fotografou a iniciativa.

**Continuidade**  
O projeto foi selecionado pelo prêmio Myriam Muniz, concedido pelo Ministério da Cultura e pela Funarte. Mesmo com o fim do patrocínio, o grupo não pretende encerrar as atividades. Atualmente, estuda novos editais e busca apoio para seguir viagem. A próxima empreitada é levar o projeto para as cidades do Distrito Federal.

www.correio braziliense.com.br



Veja galeria de fotos.

150 OFICINAS FORAM MINISTRADAS DURANTE O PROJETO 5 MIL PESSOAS TIVERAM CONTATO COM A CARAVANA 9 CIDADES RECEBERAM A VISITA DA COMPANHIA

os buriti  
teatro de dança

## ESPETÁCULO

# “Histórias de Lia de Manaka”

Créditos: Divulgação

Projeto Vitrine Cultural traz várias atrações a Jaraguá do Sul

DV Francine Sevignani  
Jaraguá do Sul

A Vitrine Cultural Marisol traz a cidade várias atrações culturais. Hoje (17) acontece no estacionamento da One Store Marisol às 8h30 e às 14h a apresentação do espetáculo Lia de Manaka com a Cia. “Os Burity”.

O espetáculo descreve a história de Lia de ManaKa (interpretada pela atriz-dançarina Eliana Carneiro) que adora contar histórias do outro lado de lá. No entanto o palhaço QuiriQuiri, das terras daqui e de ali, tenta roubar a cena.

Com músicas inesquecíveis de Chiquinha Gonzaga e contos orientais e ocidentais, Lia é uma figura atemporal, uma espécie de “mestre-dançarina de cerimônias” que convida o público a participar da cena de forma encantadora e divertida.

As apresentações têm entrada gratuita para toda a população.

Eliane Carneiro é atriz, dan-

çarina, diretora, palhaça, contadora de histórias, ilustradora e vídeo maker. Montou e dirigiu mais de 20 espetáculos no Brasil e fundou a companhia de dança/teatro OS BURITI.

Trabalhou com os diretores de teatro Gerald Thomas na Europa, e José Celso Martinez Correa em São Paulo, cidade onde também já recebeu prêmios por algumas de suas encenações, dentre os quais destacam-se:

- \* APCA de Melhor Espetáculo de Dança de São Paulo
- \* Indicação ao Prêmio Shell “Melhor Atriz São Paulo”
- \* Indicação ao Mambembe “Melhor Adaptação de texto”

Formada em pedagogia pela Universidade de Brasília, possui uma especialização em Teatro Experimental da New York University, já lecionou no Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, na Faculdade de Teatro Dulcina de Moraes e em Portugal, na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto.

Também já atuou em filmes de curta e longa metragem, recebendo alguns prêmios de atuação em festivais de cinema

brasileiro, tendo recentemente dirigido, roteirizado e atuado em seu curta “Capitão Nazo”.

Tem dois livros publicados: “O Marajá Sonhador e outras histórias”, que fez apresentações em vários lugares do país e do exterior. E o espetáculo de rua “Lampião no Céu” que recebeu o Prêmio “Selo Altamente Recomendável” da Fundação Nacional do Livro Infanto-Juvenil (Editora Mercúrio Jovem S.P).

Atualmente lança “O

### etc...

O espetáculo descreve a história de Lia de ManaKa, que adora contar histórias do outro lado de lá.

Pequeno Manual de Corpos e Danças” com um DVD, um livro de dança educação para arte educadores (Editora Lamparina R.J) e “O Livro das Pequenas Grandes Perguntas” sobre diversidade religiosa para adolescentes (Indica D.F).



A atriz Eliane Carneiro interpreta Lia de Manaka

osburity  
teatro de dança

Matéria sobre  
Eliana Carneiro  
e o espetáculo  
Lia de Manaká  
Diário do Vale  
2010



MAURO KURY, DIVULGAÇÃO

## LENDAS BRASILEIRAS PARA A PIAZADA

**A** pedida para a piazada neste final de semana é ir ao **Teatro Sesc** para conferir a peça **O MARAJÁ SONHADOR E OUTRAS HISTÓRIAS** (foto acima), do grupo **Os Buriti**.

Escrito e dirigido por **Eliana Carneiro**, o espetáculo leva para o palco o rico universo imaginário das lendas brasileiras e também de outras culturas.

A montagem – em cartaz sábado e domingo, às 16h – é composta de seis histórias narradas, dramatizadas e dançadas pela diretora e por sua filha de 20 anos, **Naira Carneiro**, com

o acompanhamento da música composta e executada ao vivo pelo violonista **Jorge Brasil**, integrante do duo **Mandrágora**, e pelo percussionista **André Togni**, do grupo **Casa de Farinha**.

*O Marajá Sonhador* já foi apresentado em um monte de lugares no **Brasil** e, em 2004, representou o país na **Espanha**, durante o **Teatralia** – festival internacional de artes cênicas para crianças e jovens que rola anualmente em **Madri**.

## MPB EM FESTA (1)

Vai rolar hoje à noite, no **Theatro Municipal do Rio de Janeiro**, a entrega do **23º Prêmio da Música Brasileira**. São 104 indicados, em categorias que vão da MPB à música clássica, passando por pop, rock, samba, canção popular, eletrônico, regional, língua estrangeira e projeto especial.

Uma turma boa de gaúchos está na disputa: **César Oliveira & Rogério Melo** (como **Melhor Dupla Regional**), a banda **Delicatessen** (como **Melhor Álbum Língua Estrangeira**, com seu terceiro disco, chamado *Goodnight Kiss*), **Filipe Catto** (nas categorias **Melhor Cantor MPB** e **Revelação**), **Kleiton & Kleidir** (**Melhor Álbum Infantil**, por *Par ou Ímpar*), o **Projeto CCOMA** (em **Melhor Álbum Eletrônico**, por *Incoming Jazz*) e **Yamandu Costa** (**Melhor Solista Instrumental** e **Melhor Álbum Instrumental**, com *Mafudá*).

## MPB EM FESTA (2)

A cerimônia terá como apresentadoras a dupla **Luana Piovani** e **Zélia Duncan** e vai celebrar os 40 anos de carreira de **João Bosco**. A função contará com a participação do próprio cantor, compositor e violonista, interpretando alguns de seus maiores sucessos: *O Bêbado* e *a Equilibrista*, *O Mestre-Sala dos Mares*, *Papel Machê* e *Desenho de Giz*.

A homenagem a Bosco terá ainda **Criolo** (interpretando *De Frente pro Crime*). *Nex*

Divulgação do  
espetáculo  
*O Marajá Sonhador  
e Outras Histórias*  
Jornal Zero Hora  
Porto Alegre  
2012

TEATRO/Eliana e Naira Carneiro, mãe e filha, apresentam a peça *O marajá sonhador e outras histórias* na programação do Festival Internacional de Artes de Brasília

# Cena da peraltice

Quando ainda era uma garotinha, Naira Carneiro já estava habituada à dinâmica da criação artística, de tanto saltitar pelos ensaios que a mãe, a atriz, bailarina, palhaça e contadora de histórias Eliana Carneiro, organizava na casa da família. Aos 6 anos de idade, agarrou alguns tecidos comprados para a caracterização da próxima montagem da companhia Os Burity, e decretou: "Estes serão para o meu figurino". A mãe acatou o desejo da filha e a incluiu no espetáculo. Naira nunca mais saiu dos holofotes: acabou crescendo diante deles.

Hoje, a atriz, que completa 23 anos esta semana, volta ao palco com uma personagem que interpreta desde os 14. Na peça *O marajá sonhador e outras histórias*, dá vida a um menino peralta, criado no luxo de palácios, que vive pregando peças na mãe. "Começamos a ensaiar quando eu tinha 14 anos. Minha mãe tinha medo de que eu entrasse na crise de adolescência e ficasse com vergonha de interpretar um menino. Mas quanto mais o tempo ia passando, mais eu gostava de fazer", relata ela. A peça, que estreou em 2004, foi revisitada algumas vezes por mãe e filha, hoje parceiras profissionais, e será encenada hoje, às 16h e às 20h, na Sala Martins Penna do Teatro Nacional, como parte da programação do Festival Internacional de Artes de Brasília (Festiarte).

O espetáculo passou por mudanças ao longo dos anos: era narrado e tinha uma trilha sonora, as atrizes não falavam — dançavam e davam vida às personagens. Depois, veio o desejo de fazer música ao vivo no palco e *O marajá...* ganhou uma segunda trilha, composta por músicos espanhóis, durante a passagem da peça por lá. Atualmente, a encenação é complementada por uma terceira versão, composta pelos músicos Jorge Brasil e André Togni. Nesse meio-tempo, Naira também foi evoluindo: "Foi um amadurecimento corporal, vocal e de interpretação. A gente vai repetindo, repetindo e agregando ao processo tudo o que aprende. A narração vai se aprimorando, a gente brinca mais em cena", explica.

## Puro instinto

No princípio, a vontade de atuar era puro instinto. O pai, cenógrafo, contava com a ajuda da menina para fazer adereços. Observando a mãe e os colegas, ela foi tomando gosto. Aprendeu os princípios fundamentais



Eliana e Naira Carneiro no palco: história de um menino brincalhão, criado no luxo dos palácios, pregando peças na mãe



**Começamos a ensaiar quando eu tinha 14 anos. Minha mãe tinha medo de que eu entrasse na crise de adolescência e ficasse com vergonha de interpretar um menino. Mas quanto mais o tempo ia passando, mais eu gostava de fazer"**

**Naira Carneiro,**  
atriz de *O marajá sonhador*  
e outras histórias

do ofício (não ficar de costas para a plateia, formas de se posicionar, interação com o público) e foi em frente. Aos 8 anos, participou de um musical e acabou decorando as falas de todos — e corrigindo os outros atores. Depois de se mudar com a família para São Paulo, aos 11 anos, é que começou a se dedicar a aulas de percussão e canto.

Em Portugal, próxima parada dos Carneiros, ela estudou balé, dança contemporânea e até ritmos portugueses, durante dois anos. Além de cantar e tocar violão, hoje se dedica à sanfona. Certa vez, ganhou um pífano do mestre Zé do Pife, aprendeu algumas músicas e foi convidada por ele para integrar o grupo das

Juvelinas, que sempre o acompanha. Recém-formada em artes cênicas pela Universidade de Brasília, abordou, em seu trabalho de conclusão de curso, a arte da contação de histórias. Não por acaso, *O marajá sonhador* inaugurou este capítulo na história das artistas.

São seis histórias diferentes, quatro escritas por Eliana, mãe de Naira. A outra é uma adaptação do poema *Cobra Norato*, de Raul Bopp, baseado no folclore brasileiro. Ainda há *Vassalissa*, história inspirada em um conto russo. "É meu espetáculo mais querido, apresento com muito gosto. É engraçado porque sempre vejo fotos e, mesmo as recentes, acho que são antigas, porque é uma experiência que me acompanha faz

muito tempo. Entro na personagem e me sinto um pouco mais nova. Volto à sensibilidade da infância", conta a atriz, que pretende continuar crescendo, e aparecendo, diante dos espectadores.

## O MARAJÁ SONHADOR E OUTRAS HISTÓRIAS

Com Eliana Carneiro, Naira Carneiro e os músicos Jorge Brasil e André Togni. Hoje, às 16h e às 20h, na Sala Martins Penna do Teatro Nacional (Setor Cultural Norte, Via N2; 3325-6239). Entrada franca, mediante retirada de Ingressos a partir das 14h. Classificação indicativa Livre.

## Três perguntas // Naira Carneiro

**Como é trabalhar com a mãe? Ela acaba sendo mais rígida ou mais afetiva do que um colega com quem não se tem parentesco?**

Ela é muito afetiva. Temos uma relação linda e nos respeitamos. Estou sempre participando ativamente dos espetáculos, sugiro coisas e, muitas vezes, ela aceita. Atuo em todas as frentes, faço cenário, confecciono peças. Tenho essa liberdade de atuação.

**Suas primeiras experiências em cena foram tranquilas? Dava trabalho nos ensaios, com as peraltices infantis?**

Minha mãe sempre me deixou muito livre, não me dava coreografias muito exatas. Isso me deu a segurança e a liberdade que hoje eu tenho. No primeiro espetáculo, eu entrava em cena e dançava com um boneco. O tempo que eu ia levar dançando, eu decidia, de acordo com o humor e a vontade de estar no palco. Com *O marajá*, foi a mesma coisa. Minha mãe conta que, quando a gente ia se apresentar nas escolas, todo mundo ficava com medo de a menina dar o terror, eu entrava tranquila e fazia o que tinha que fazer.

**Além de interpretar o marajá, de que outras formas você participa do espetáculo?**

Narro histórias e também interpreto a Vassalissa. É um conto russo, que desfia a história de uma menina que perde a mãe, mas, pouco antes, ganha uma boneca dela, como recordação. Essa boneca tem poderes especiais, conversa com sua dona. O pai da menina acaba se casando e a madrasta a maltrata. Um dia, manda Vassalissa buscar fogo na casa de uma bruxa. Ela é aprisionada e precisa passar por provações até conseguir levar o fogo, e a boneca a ajuda nesse processo. É uma história sobre provações e ritos de passagem.



fonjic\_autor@spectroeditora.com.br  
@AnacreontFonjic

# Se visitando

Matemática e a física eram minhas disciplinas favoritas quando criança. Por algum motivo me afeirei àquilo como um motor a álcool e parecia realmente importante saber que o menor caminho entre dois pontos era uma reta. Foi alguma coisa que estalou depois no equipamento necessário para simular as condições dentro de mim e passei a considerar que, no entanto, dadas as condições normais de utilização daquele motor, tais como atrito das rodas com o solo, freio, força necessária para iniciar o deslocamento, consumo de combustível e assim por diante, o melhor caminho entre dois pontos era o que realmente importava, e ele não era necessariamente uma reta. Aliás, dificilmente o era.

Passei a zigzaguar na vida, mudando de cursos, desperdiçando todo o tempo extra que eu havia ganhado na rápida formação anterior. Foi a fase de conformação, onde são feitos os processos para alterar a forma plástica de um determinado material, comprimindo sucessivas vezes a matéria prima para obter o formato desejado, que é definido pelo molde a ser utilizado. Foi para mim um marco duplamente importante, foi o momento em que decidi romper com o modo de vida masoquista de viver uma vida ingrata sem pensar exatamente no porquê e de parar de acreditar nas fantasias que me haviam sido incutidas por pais, professores e tevê demais. Eu era uma espécie de máquina em



busca de autoconsciência e regulação, e esta máquina em específico era feita de aço maciço e o lugar onde seria feito o impacto era construído de modo a distribuir melhor as vibrações emitidas pelo impacto, por sua vez amortecidas por uma caixa de concreto. Eu não sabia ao certo como lidar comigo mesmo ou que fazer, mas, por sorte, a máquina era de fácil operação, embora exigisse certo conhecimento para uso pois não possuía nenhum dispositi-

# Anacreonte Fonjic

vo de segurança. Fui além e percebi que não bastava ir e vir erraticamente, mas que às vezes o pior caminho era mais compensador. Comecei a evitar as pontes para atravessar a nado os rios, pois o homem que sai do rio nunca é o mesmo que aquele que entrou. Está molhado, cansado, e com uma vivência diferente, como se passado por operações de corte e perfuração em geral, por praticamente qualquer coisa que visasse modificar o formato de um objeto. Embaixo da ponte pude conhecer as gerações de civilizações fantescas de caranguejos há muito extintas, o riso louco da embriaguez aerodinâmica e a estranha mecânica dos fluidos que prolonga o prazer.

# Seja bem-vindo!

Filosófico. "A Sociedade do Espetáculo", de O Teatro Mágico, será apresentado neste domingo, na Capital

A maneira de "A Sociedade do Espetáculo" (1967), obra emblemática do filósofo francês Guy Debord (1931-1994), o novo trabalho da companhia musical O Teatro Mágico é marcado por melodias e letras questionadoras do mundo de hoje. O álbum é o terceiro do grupo paulista, que apresenta, neste domingo, em Florianópolis, um show de humanismo individual e coletivo – show que costuma provocar catarse no público pelo forte tom positivista. O álbum representa o amadurecimento musical da banda desde o lançamento do segundo disco, "Segundo Ato" (2008). Com

produção de Daniel Santiago, integrante da banda e parceiro de Hamilton de Hollanda – um dos principais expoentes da música instrumental contemporânea brasileira – o Teatro Mágico agora se propõe a fazer um pop moderno, sofisticado e fundamentalmente brasileiro. As músicas que continuam acessíveis ao público, resguardando a essência do projeto, mas agora com influências que vão de Milton Nascimento e Clube de Esquina até a guarania gaúcha. O título do disco tem o mesmo nome do livro de Debord, obra ainda atual que aborda a imagem

enquanto elemento organizador da sociedade do consumo, transformando a realidade em ficção, e a ficção em realidade. Nessa linha aparecem canções como "Amanhã... será?", inspirada nas revoluções no oriente médio, e "O mundo não vale o mundo meu bem", com uma pegada Drummondiana. O Teatro Mágico foi criado em 2003 anos e estourou no Brasil como fenômeno da internet, com mais de seis milhões de downloads oficiais na rede. O conceito estético do grupo é uma união de elementos do circo, teatro, poesia, música, literatura, política e cancionero popular.



O quê: Show "A Sociedade do Espetáculo" do Teatro Mágico  
Quando: 15/9/2012  
Onde: Teatro Municipal de Florianópolis  
Quanto: R\$ 100 (meia-plateia Superior), R\$ 50 (meia-plateia Inferior), R\$ 30 (meia-plateia Superior)

Divulgação do espetáculo O Marajá Sonhador Plural Notícias Florianópolis 2012

O consumo. O Teatro Mágico mistura linguagens e crítica

## TEATRO

### Imaginações do folclore brasileiro

O grupo brasileiro Os Buriti apresenta neste fim de semana em Florianópolis a montagem "O Marajá Sonhador e Outras Histórias", espetáculo de contação de histórias cuja tônica da linguagem é a força expressiva dos gestos. Selecionado pelo programa Petrobras Distribuidora de Cultura 2011/2012, a peça tem texto e direção de Eliana Carneiro e música ao vivo com Jorge Brasil (voz, violões e sitar) e André Togni (percussão). "O Marajá Sonhador e outras histórias" consiste em seis histórias



Cultura. O trabalho é uma contação de histórias cuja tônica é a força do gesto

narradas, dramatizadas e dançadas por Eliana Carneiro e sua filha Naira. Por meio de quatro originais da autora – "O Marajá Sonhador", "O peixinho Dourado", "Adabran e o Fogo Sagrado" e "A menina e o

gigante" – e adaptações da lenda amazônica "Cobra Norato" e do conto russo "Vasalisa", busca-se resgatar a imaginação folclórica do Brasil e de outras culturas, num espetáculo para adultos e crianças.

O quê: Espetáculo "O Marajá Sonhador e Outras Histórias"  
Quando: Sábado e domingo, 17h  
Onde: Teatro Álvaro de Carvalho, rua Marechal Guilherme, 26, Centro, Fpolis, tel. 3028-8070 / 3028-8071  
Quanto: Gratuito

## FESTIVAL NOSSA BARULHEIRA

### Som da Ilha

Cinco bandas de Florianópolis se apresentam no festival Nossa Barulheira, evento que ocorre neste sábado, no Opinião Lounge, no bairro Morro das Pedras, no Sul da Ilha. A ideia do festival é misturar estilos musicais no mesmo local e, claro, fazer barulho. Por isso, reúne grupos de reggae, forró e pop rock que representam o som produzido em Florianópolis. A abertura será com a banda Litoljah, seguida de show com o MC Eltin, grupo Cultivo e Chapéu de Palha. Os Skrotes, com seu instrumental pop, também participam do festival e fazem show de lançamento do primeiro CD.

O quê: Festival Nossa Barulheira  
Quando: Sábado, 22h  
Onde: Opinião Lounge, SC-406, 2.025, Morro das Pedras, Florianópolis, tel. 9967-5511  
Quanto: R\$ 10



Naira, Marília, Daniel e Andressa fazem parte da trupe da Cia. Os Buriti

# Festa na Loresta

Eles não são índios, mas fazem parte de uma tribo que, neste fim de semana, vai apresentar um espetáculo cheio de música e dança.

» GUSTAVO AGUIAR

Éra uma vez uma floresta mágica que germinou com o canto dos rouxinóis, curiós e sabiás do mundo inteiro. A tribo de teatro Os Buriti está preparando a maior festa na floresta, e as árvores encantadas vão farfalhar de alegria para receber o espetáculo musical *Cantos de Encontro*, em cartaz na cidade hoje e amanhã. Você está convidado para conhecer um mundo incrível de som, canto e muita dança. Vem com a gente!

## Sons inspirados

Eis alguns membros dessa tribo: Andressa Ferreira e Naira Carneiro, 24 anos, Marília Carvalho, 27, e Daniel Pitanga, 28. Andressa é percussionista e adora bater. Marília é flautista desde os 5 anos e, quando toca, parece um pássaro. Naira se arrisca com a sanfona, mas é a rainha da interpretação, e Daniel tem dedos de ouro para tocar violão.

## Não perca

- » *Cantos de encontro*, espetáculo da companhia Os Buriti teatro e dança, com Andressa Ferreira, Daniel Pitanga, Marília Carvalho e Naira Carneiro.
- » Hoje e amanhã, às 16h, no Sesc Garagem na 913 Sul
- » Duração: 50 minutos
- » Ingressos: R\$ 10 (meia-entrada). A cada duas crianças, a terceira ganha um ingresso gratuito.
- » Classificação: livre

No espetáculo *Cantos de encontro*, eles vão cantando e contando a história dos seus instrumentos favoritos, que também habitam a floresta mágica: o cuatro, a viola, o pífano, a flauta doce e a transversal, o pandeiro e o pandeirão, o sino tibetano e o djambê. Além de tocar todos esses instrumentos, Os Buriti cantam.

—Aqui ninguém é cantor de verdade, e isso deixa tudo muito mais legal, porque todo mundo pode cantar junto do jeito que souber, revela Naira. Afinal, o instrumento musical mais antigo do mundo é a voz!

## Encontro marcado

Então, pode anotar na agenda. Hoje e amanhã, o som das flautas, da viola e do pífano vão fazer a floresta mágica florescer de novo para todo mundo poder se encontrar, cantar e dançar em uma grande roda. Além da supertribo musical e de todos os instrumentos que dão ritmo a essa festa, você vai conhecer uma flauta que pode ser tudo o que a sua imaginação pedir e um pandeiro bom de sinque. Tem também o simpático pássaro Curio-curri e a bonita e elegante Jamila, uma menina muito vaidosa e o seu tambor que vem lá da África. Com certeza essa vai ser uma grande viagem ao mundo mágico dos sons e da dança.

Fotos: Bruno Peres/CB/D.A Press



A boneca Jamila e o passarinho Curio-Curi: personagens da peça *Cantos de encontros*



## Para celebrar a Páscoa com arte e música

A companhia Os Buriti (foto) encena o espetáculo *Cantos de encontro*, uma verdadeira festa na floresta. Conheça também os coelhos mais famosos do planeta, que saíram de gibis, livros e filmes.

SUPER!, PÁGINAS 4, 5 E 7

Correio Braziliense  
30 de Março de 2013  
Matéria no caderno  
Super!

Capa

www.correio braziliense.com.br

CORREIO BRAZILIENSE



Para celebrar a Páscoa com arte e música

A companhia Os Buriti encena o espetáculo *Cantos de encontro*, uma verdadeira festa na floresta. Conheça também os coelhos mais famosos do planeta, que saíram de gibis, livros e filmes.

## A morte

Professora, de 27 anos, sai para comprar ovos de Páscoa e encontra uma estranha mulher na Praça da Cidade. Polícia prende suspeito assassino



Angela encontra Filipe Moura (E), conhecido como Chacota Moura (D). Família encontra o filho de dois meses após o desaparecimento. Imagem: digital para a revista de empresas. Fotos: E. D.

## A ressurreição

Mais de 50 mil pessoas saíram de Moura da Capelinha, em Piauí, e se emocionaram com a ressurreição da viúva morta há meses por DF

Montado vencem de carro congelado

São entregues de Brasília e enviados a grupo dos veículos pertencentes à família de João e completa o processo com 1% em seu valor. O valor de R\$ 100 mil para os 2,5 milhões de reais.

MAR 20

O vale-t das tarifas bancárias

Banco Central e nova regra para a transação e um novo contrato propõe ideias, porém, alguma a valer 27% de taxa para o usuário brasileiro.

# AFETO CRIADOR

De volta aos solos de dança, Eliana Carneiro estreia em Brasília o espetáculo *Imagens do sagrado — Blima*, enquanto a filha, Naira, dirige o musical infantojuvenil *Cantos de encontro*

» MARIANA MOREIRA

Desde que sua filha nasceu, a bailarina e atriz Eliana Carneiro mantém com ela uma relação de dedicação e olho no olho. Quando se descobriu grávida de Naira, ela desacelerou sua carreira de sucesso dedicada aos solos de dança que a notabilizaram na década de 1980 (quando ganhou prêmios como Shell e Associação Paulista de Críticos de Arte, APCA). O interesse da menina pelas peças e pelos musicais que a mãe montava deu início à parceria familiar, mantida até hoje na companhia de teatro Os Buriti, dedicada ao teatro infantojuvenil. Hoje, porém, Naira tem 24 anos e já encontrou autonomia no meio teatral. Estreia na direção com *Cantos de encontro*, espetáculo musical que fica em cena de hoje a domingo, às 16h, no Teatro Sesc Garagem, na 913 Sul.

A mãe, Eliana, aproveitou o grito de independência da filha para também retomar seus célebres solos. A vontade de voltar já se revolvia dentro dela, mas uma mensagem de Facebook, escrita pelo dramaturgo e crítico Aimar Labaki foi a gota d'água que faltava para o pensamento virar ação. A mensagem dizia: "Volte Eliana, quero vê-la dançar de novo". Feita a sugestão, veio o convite de se apresentar em mostra de cultura judaica, em São Paulo. E para esta ocasião, a artista criou *Imagens do sagrado — Blima*, solo de dança-teatro que estreia na cidade hoje e segue em cartaz até domingo, às 20h30, no mesmo local.

Sua linha de condção foi a tradição da Kabbala. Conversou com especialistas e leu diversas obras, com o texto datado do século 12. "A dança é um rito que reúne os tipos humanos e os elementos da natureza", explica.

corpo sublimado, o transe, a busca pelo sagrado. São gestos de irradiação, doação, captação de energia e descarga", explica.

A coreografia se dá em um espaço circular em que o encontro de olhos também se estende à plateia. "O círculo é um espaço sagrado, existe algo mágico em estar no centro e ir pra fora e em ir de fora ao centro", relata Eliana, que investe em uma troca intensa e amorosa, na qual se aproxima e toca o público. Blima significa extraordinário, sem existência ou substância, trazendo o infinito ao finito, o ilimitado ao limite.

## Círculo sagrado

Criada na mesma vertente teatral da mãe, que assina os figurinos e a direção artística da peça, Naira Carneiro também elegeu o círculo como lugar de ação. Como sua carreira de musicista ganha fôlego a cada dia (ela toca vários instrumentos, escolheu a sanfona como companheira inseparável e faz parte do grupo Seu Zé do Pife e as Juvelinas), a artista decidiu alçar essa linguagem ao posto de protagonista. Quatro músicos em cena (ela, o violonista Daniel Pitanga, a percussionista Andressa Ferreira e a flautista Marília Carvalho) cantam e tocam, e a partir dos sons, surgem as histórias com toques pessoais.

Nas músicas, todas compostas para a peça, eles falam de suas vidas — a flautista canta seu encanto pelo instrumento, a percussionista revela o lado sapeca de manusear os tambores. A partir daí, surge uma personagem inspirada nos bonecos gigantes de Olinda, tocadora de djembê, e um pássaro habitante de um jardim mágico. "O nome tem um pouco a ver com essa coisa de encontro, de círculo, essa forma básica e primordial. Fazemos várias brincadeiras de movimentação em cena e nos alternamos nos instrumentos", destaca.

Ana Gilioli/Divulgação



Eliana Carneiro em *Imagens do sagrado — Blima*, em cartaz de hoje a domingo no Sesc Garagem (913 Sul)

### » CANTOS DE ENCONTRO

De hoje a domingo, às 16h, no Teatro Sesc Garagem (713/913 Sul; 3445-4415). Ingressos a R\$ 20 e R\$ 10 (meia). A cada dois ingressos infantis, o terceiro é gratuito. Classificação indicativa livre.

### » IMAGENS DO SAGRADO — BLIMA

De hoje a domingo, às 20h30, no Teatro Sesc Garagem (713/913 Sul; 3445-4415). Ingressos a R\$ 20 e R\$ 10 (meia). Não recomendado para menores de 4 anos.

6 anos em cartaz  
800 mil espectadores!

**CASAR PRA QUE?**

TRUQUE DE COMÉDIA  
Direção: Eri Johnson

Michelle Martins | Alessandro Anes

Teatro Nacional Sala Villa Lobos  
Dias 06 e 07 de abril  
Sábado às 21h e Domingo às 20h  
Informações: 3325 6256 / 3325 6239

Patrocínio: PORTO SEGURO | Apoio Cultural: ALLIA, JAC, DECA | Produção Local: DECA PRODUÇÕES

Antecipados na bilheteria do teatro ou pelo site: [www.ingresso.com](http://www.ingresso.com)

### » CANTOS DE ENCONTRO

De hoje a domingo, às 16h, no Teatro Sesc Garagem (713/913 Sul; 3445-4415). Ingressos a R\$ 20 e R\$ 10 (meia). A cada dois ingressos infantis, o terceiro é gratuito. Classificação indicativa livre.

"O nome tem um pouco a ver com essa coisa de encontro, de círculo, essa forma básica e primordial. Fazemos várias brincadeiras de movimentação em cena e nos alternamos nos instrumentos", destaca.



# A trilha da arte

Trupe de artistas sai estrada a fora para visitar escolas públicas de núcleos rurais, levando teatro, circo e música

» ANA PAULA LISBOA

## Quem faz?

Tudo ganha cor e alegria quando um minibus branco, cheio de desenhos, aparece na escola. Lá dentro, estão os integrantes da Cia. Os Buriti, prontos para apresentar e ensinar muita coisa legal com roupas e maquiagens multicoloridas. O grupo faz o carro de casa e cai na estrada para seguir viagem de colégio em colégio. Em cada parada, os artistas passam quatro dias e ministram oficinas de circo, música e contação de histórias para todos os alunos.

A Cia. Os Buriti de Teatro e Dança surgiu em 1996 com Eliana Carneiro, 50 anos. Ao longo de 17 anos, os integrantes da equipe mudaram, mas sempre giraram em torno do núcleo familiar dela. Uma das primeiras integrantes é a filha, Naira, 24. Aos 6 anos, Naira pediu para entrar em cena e cresceu se aperfeiçoando no universo artístico. Ela atua, toca e confecciona figurinos. O outro filho de Eliana, Guiã, 14, também integra o grupo e participa dos espetáculos.

Na primeira caravana de arte e educação, em 2010, a equipe percorreu 3,5 mil km, visitou 10 municípios de Goiás e Mato Grosso e ministrou 150 oficinas, em 24 instituições de ensino, para mais de 5 mil crianças. A segunda caravana começou em 2012 em cidades do Distrito Federal. A meta é visitar 12 Escolas Classes. A 11ª contemplada foi a Escola Classe do Núcleo Rural do Riacho Fundo, a pedido da professora de educação integral Sílvia Viana. A última parada será na Escola Classe Sonhém de Cima, no Núcleo Rural de Sobradinho, que termina na próxima terça-feira.

Os palhaços e acrobatas Léo Leal e Isa Flor, os professores de música Daniel Pitanga e Carlos Frasso, e o fotógrafo Nilo Santos compõem o restante do grupo. Daniel é marido da Naira, enquanto Nilo é sobrinho da Eliana. Todos, com laço de sangue ou não, sentem que formam uma grande família qu tribo, já que o nome da companhia é uma homenagem aos índios Buriti. Para mais informações, acesse [www.osburiti.com.br](http://www.osburiti.com.br).



Eliana Carneiro (D) com os artistas da Cia. Os Buriti

Fotos: Antônio Cunha/CB/D A Press



Jussara, Rafael, Pedro, Jhully Gabriely, Daniylo e Maria Vera comemorando a chegada do ônibus colorido na Escola Ruralzinha

## Aula diferente

As oficinas são também espetáculos. Começam com a apresentação dos artistas que passam a ensinar as crianças. No fim, os alunos também fazem parte do show coletivo. Na de contação de histórias, Naira e Eliana chegam sapateando e, a partir de brincadeiras, contam histórias com objetos guardados dentro de malas de viagem. Quando chega a hora do lanche, a dupla prepara chá de alecrim para a garotada. "Chá para espantar os males do corpo e histórias para curar o coração e alimentar a imaginação", explicam Naira e Eliana na hora. Por fim, o grupo constrói histórias em conjunto.

Na oficina de música, Daniel Pitanga e Carlos Frasso adentram a sala de aula tocando sanfona, violão e percussão e entregam instrumentos à garotada para eles acompanharem. Na de circo, Léo Leal e Isa Flor se apresentam com malabarismo e equilíbrio e ensinam palhaçadas e saltos como o 'sapo' e o 'jegue'.

## A descoberta

Eliana acredita que, quanto mais cedo uma criança se inicia no mundo da arte, melhor:

— Com a arte, a criança descobre mais sobre si mesma, aprende a colaborar e a respeitar as diferenças. Teatro, música e outras habilidades artísticas podem ser aprimoradas infundavelmente. Espero que o nosso trabalho gere novos artistas ou simplesmente ajude a formar adultos mais criativos e equilibrados.

Naira, que virou artista na infância, concorda com a mãe:

— A arte é um mundo mágico para a criança. Para mim, foi uma experiência maravilhosa fazer espetáculos com a minha mãe por toda a vida. A arte se tornou cotidiana.

Na Escola Classe do Riacho Fundo, os alunos Pedro Henrique Anunciação, 8 anos, Jhully Gabriely da Silva, 11, Daniylo Maycon Meireles, Rafael Lima, Maria Vera de Moraes e Jussara Freitas, 10, participaram de oficinas com a Cia. Os Buriti.

Jhully nunca foi a um circo, mas aprendeu a

fazer vários movimentos circenses:

— Pratiquei meu equilíbrio com estrelinha e saltos. É difícil, exige muita habilidade, mas é divertido. Daniylo já sabe que não é moleza:

— O homem e a mulher da oficina chegaram fazendo palhaçada e tocando flauta. Eles mostraram que é preciso ter confiança nas pessoas nos espetáculos. Não é nada fácil. Se fosse fácil, todo mundo estaria trabalhando em circo.

Jussara explica o que aprendeu na oficina:

— Toquei uma flauta de madeira e dei saltos com nomes de animais. No salto do jegue tem que colocar as pernas para o alto e segurar o peso do corpo com as mãos. Já, no movimento do sapo, é para ficar com o corpo todo reto.

Na oficina de contação de histórias, Pedro Henrique ajudou a inventar histórias com personagens como um jacaré:

— Fizemos brincadeiras com bonecos, mexemos com fantoche, inventamos uma fábula juntos e, depois, tomamos chá. Foi tudo muito bom!

Matéria sobre a Caravana Buriti - Arte e Educação na Estrada Jornal Correio Braziliense 2013



## INICIATIVA

## A arte para educar

**Companhia Os Buriti leva a cultura com oficinas para várias escolas**

Vinicius Remer

vinicius.remer@jornaldebrasil.com.br

Inspirada em uma palmeira, surgiu há mais de 17 anos a companhia de teatro Os Buriti. Para a fundadora Eliana Carneiro, o grupo é como "uma tribo do Cerrado, de família e de andarilhos" - Cerrado porque o buriti é uma planta característica do bioma da cidade; de família, pois participam também os filhos de Eliana, Naira e Guian; e de andarilhos, em razão de desenvolverem, desde 2010, o projeto Caravana Buriti, que percorreu nesses três anos mais de seis mil quilômetros levando espetáculos e oficinas até escolas distantes.

Desde os seis anos de idade, os filhos de Eliana acompanham a mãe. Naira Carneiro, hoje com 24, toca alguns instrumentos nas apresentações e confecciona figurinos. Guian,

14, debandou devido aos estudos, mas quando participava tinha enorme interesse por palhaçaria. A matriarca diz que é maravilhoso estar com eles. "É muito contagiosa a nossa sintonia pela arte", afirma.

Com o Fundo de Apoio à Cultura (FAC), a Caravana Buriti visitou diversas cidades com o objetivo de despertar o interesse das pessoas pela cultura por meio da arte-educação.

**Para que isso aconteça, conta com uma equipe de cinco a sete artistas e arte-educadores que desenvolvem espetáculos-oficinas** - de corpo, expressão e saúde, dança-educação, iniciação musical, boneco e circo - tanto para o público infanto-juvenil, como para alunos e professores.

O grupo se apresenta em escolas e praças. "A nossa chegada é uma festa, principalmente para as crianças. A felicidade delas é uma ganho inestimável", conta Eliana Carneiro.

#### CULTURA CENTRALIZADA

A escolha das escolas não é de forma aleatória. Têm preferência aquelas localizadas em cidades

DIVULGAÇÃO

Em projeto itinerante, a trupe visitou seis colégios em 2013



“  
A nossa chegada é uma festa, principalmente para as crianças. A felicidade delas é um ganho inestimável.”

Eliana Carneiro, atriz

com grandes índices de violência. "Escolhemos lugares distantes, com pouco acesso à cultura e que dificilmente têm transporte para o Plano Piloto. Aqui em Brasília é tudo muito centralizado", diz Eliana.

Em 2013, a Caravana Buriti levou sua arte para seis colégios do DF. A Escola Classe Sonhém de Cima (Núcleo Rural de Sobradinho) foi a última instituição a receber a edição deste ano do projeto. "A arte tem o poder de gerar algum tipo de mudança", acredita a fundadora.

#### Zine Mês

## Quadrinistas procuram apoiadores

Os quadrinistas brasileiros Augusto Botelho e Daniel Lopes, idealizadores do zine Mês, estão com um projeto para lançar uma caixa especial de fim de ano com 12 zines independentes mais uma revista de extras. Para isso, eles usam uma ferramenta de crowdfunding (financiamento coletivo) para alcançar a meta total de R\$ 13 mil. Interessados em colaborar podem fazer doações no site [catarse.me/mes](http://catarse.me/mes) até o próximo dia 31.

#### Literatura

## Angolano leva Prêmio Saramago

O escritor angolano Ondjaki, de 36 anos, recebeu ontem o Prêmio Literário José Saramago, um dos mais importantes em língua portuguesa, pelo romance *Os Transparentes*. A obra foi lançada no Brasil pela editora Companhia das Letras e fala de personagens que vivem em Luanda e compartilham seus afetos e suas memórias. Pela vitória, o autor receberá 25 mil euros (R\$ 77 mil). Na edição anterior, em 2011, a vencedora foi Andrea del Fuego, por *Os Malaquias*.

Matéria sobre a  
Caravana Buriti -  
Arte e Educação na Estrada  
Jornal de Brasília  
2013

# Arte em família

Apenas talento não basta para pais, filhos, netos e casais que vivem da arte: é preciso ter muita união e profissionalismo de forma a garantir a sintonia e o sucesso na carreira

» ANA PAULA LISBOA

Nos palcos da rua, do circo ou do teatro, casais, pais, filhos e irmãos se unem para apresentar espetáculos e viver de arte. O processo criativo é enriquecido quando ocorre em grupo e famílias de artistas reúnem talentos desenvolvidos com a convivência e o aprendizado adquirido com pais e irmãos. A renda mensal costuma variar e depende de patrocínios, da venda de ingressos e das contribuições do público. Para conviver e atuar juntos e em harmonia, os grupos mantêm o diálogo, o respeito e o profissionalismo. Mas nem só de talento e trabalho duro vive o artista: planejamento administrativo e gestão financeira também são considerados essenciais para uma carreira bem sucedida.

A companhia Carroça de Mamulengos é um exemplo de profissionalismo: sobreviveu à separação do casal fundador para continuar a todo vapor com apresentações em diversas partes do Brasil. "Criamos nossos filhos nos palcos. Independentemente da separação, a companhia continua junta", conta Schirley França, uma das fundadoras. O grupo reúne um público fiel e, quando que vem à capital federal, garante teatro lotado. No entanto, trabalhar em família nem sempre é sinônimo de sucesso na profissão. A parceria que existia no espaço cultural Mapatí, outra instituição artística em Brasília, acabou há cinco anos, quando Tereza Padilha, antes acompanhada do ex-marido e da filha, passou a tocar o negócio sozinha para manter a harmonia da família. "Deu certo por um tempo, mas, depois, fez a relação familiar se deteriorar. Cada um foi seguir seu próprio caminho", conta.

"A arte em família é muito boa quando você entende que é preciso aprender todas as áreas, como produção, administração, vendas. Um ator não pode se limitar a atuar. O ego e a vaidade de cada um trazem muitos problemas para a convivência familiar. Fazer teatro aos berros e com brigas não dá", comenta a professora do Instituto de Artes da Universidade de Brasília (UnB), Sonia Paiva. Ela explica que o negócio tem de ser visto como economia criativa e que os grupos precisam estudar a forma de ganhar dinheiro com isso.

**Empreendedores**

Para que os negócios de família — em arte ou em qualquer outro ramo — deem certo, é preciso levar o empreendimento a sério, com foco na gestão. É o que acredita Fábio Zugman, mestre em administração e autor de livros sobre empreendedorismo e criatividade. Artistas não podem esquecer que também são empresários e precisam estabelecer metas, além de planejamento e organização para serem bem-sucedidos.

"O espetáculo precisa ser algo original. Até na rua, se a apresentação é batida, as gorjetas são menores", explica Zugman. Companhias artísticas, muitas vezes, não estabelecem cargos, mas é importante ter uma função diferenciada. Apesar de todos se ajudarem, é bom segmentar para não dar briga. "A Disney, por exemplo, foi fundada por irmãos. O Walt Disney desenhava e o Roy Disney administrava. Eles somavam habilidades complementares."

O trabalho em família, porém, não apresenta apenas aspectos positivos (veja quadro). "Os irmãos Disney brigavam muito, mas como o problema era em família, eram obrigados a resolver", pondera Zugman. Para diferenciar o papel de membro da família e de integrante da companhia, o autor recomenda uma postura profissional. "Nos ensaios, por exemplo, uma opção é não usar títulos como 'pai' e 'mãe' para não misturar trabalho com relacionamento", sugere.

Segundo o professor de administração Helcio Miziara Filho, saber controlar problemas e manter a transparência entre os familiares minimiza incompatibilidades. "O melhor remédio para a saúde do negócio é o diálogo. Conversando, falhas são diagnosticadas e conflitos são resolvidos", avalia. O consultor em carreiras Julio Sergio Cardozo analisa que muitos grupos artísticos se separam e as desavenças podem deixar cicatrizes. "A Banda The Jackson 5 acabou e o Michael Jackson foi trabalhar sozinho. O Trio Ternura da Jovem Guarda também não funcionou. É preciso analisar se vale a pena trabalhar em família, sob o risco de destruir as relações sentimentais."

## » Histórias de vida e de trabalho

Conheça grupos de parentes que trabalharam ou trabalham para brilhar no meio artístico



### Gerações de artistas

A Carroça de Mamulengos é uma companhia itinerante de teatro e de música que surgiu em Brasília em 1977, fundada por Carlos Gomide, 57 anos, acompanhado de Schirley França, 49. O casal está divorciado há sete anos, mas continua a trabalhar junto com os oito filhos, Maria, 29, Antonio, 27, Francisco, 24, João, 22, Pedro e Matheus, 18, Isabel e Luzia, 15; as duas netas, Lara, 2, e Ana, 4 meses; além da nora, do genro e de amigos. Com carinho e respeito, o grupo dificilmente briga. "É um privilégio trabalhar com os filhos. Cada um se desenvolve e assume uma função", diz Schirley. Ninguém da família pensa em seguir outro caminho, como conta Maria. "Somos diferentes de quem cresce e escolhe uma profissão. Eu nasci escolhida. Passamos por tempos de vacas magras e gordas com renda de espetáculos e patrocínios, mas trabalhar com as pessoas que mais amo é só alegria", diz Maria.

### Talento de pai para filho

Para encontrar Júlio Macedo, 48 anos, que dá vida ao palhaço Mandioca Frita, basta ir ao Parque da Cidade, onde ele diverte as crianças. Juntam-se a ele os palhaços interpretados por seus filhos: Macaxeira, Alpim, Xodó, Foli Foli e Fuleiro. Júlia, 20, Davi, 17, Luiza, 12, Luana, 9, e Luis, 3, aprendem com o pai a arte de fazer rir. Em sineiros, festas infantis e exposições, eles passam o chapéu. Cada filho ganha o próprio dinheiro e contribui com as contas da casa em que moram juntos, em Santa Maria. "A arte é a melhor herança que posso deixar. Os caminhos que me levaram a ter um retorno financeiro e de amizade deixo para eles", explica Júlio. Trabalhar em família tem um valor especial para Júlio, que cresceu na rua até se juntar à Carroça de Mamulengos, em que trabalhou durante alguns anos. O exemplo é seguido por Júlia: "Os filhos do meu pai já aprendem a andar andando de perna de pau. É uma brincadeira que, depois, vira trabalho".

### Tribo de andarilhos

Em 1996, Eliana Carneiro, 51 anos, fundou a companhia itinerante de teatro e de dança Os Buriti. Os filhos Naira, 24, e Guilan, 14, sobem ao palco desde a infância. "Estar no palco com os filhos é uma benção porque o amor é muito grande", conta Eliana. Integram o grupo também o sobrinho de Eliana, Nilo Santos, do gênero Daniel Pitanga, e os músicos Jorge Brasil, André Togni e Carlos Frasso. "Todos se sentem da mesma família ou da mesma tribo, que dá nome ao grupo. O respeito mútuo é o segredo para dar certo. "Confiamos um no outro e temos uma relação íntima, mas profissional", explica Naira. O lucro não é o foco do grupo. "Não temos luxos, mas pagamos nossas contas. Prefiro ter um trabalho bonito a possuir bens. Além disso, arte e convivência familiar são riquezas que não têm preço", finaliza Eliana.

### Parceria de 22 anos

Casados desde 1991, Armando Villardo, 50 anos, e Alcineia Paz, que não revela a idade, são donos da companhia teatral Néia e Nando. Eles vendiam brigadeiros até abrirem um bufê, que acabou falindo. "Investimos na casa de festas para ganhar dinheiro e não deu certo. Resolvemos, então, fazer o que de fato gostamos: teatro. O sucesso foi consequência disso", explica Nando. Hoje, a empresa de teatro conta com 63 funcionários, entre atores e técnicos. As apresentações ocorrem uma vez por semana em shoppings e no teatro da Fesbr. "É bom estar com o Nando 24 horas por dia. Ele me dá suporte, me dá conforto. Vivemos bem, mas não temos luxos. Não fizemos curso de teatro. Os espetáculos são feitos com o que temos no começo", diz Nando.

### Caminhos se

Tereza Padilha, 57 anos, fundadora do espaço cultural Mapatí, preside a companhia, mas, atrás, a artista conta com a ajuda de sua filha e estudante Aline Padilha. "A Aline aprendeu sobre como gerir o negócio ao longo do tempo. É positivo trabalhar em família, mas cada um tem que seguir seu caminho. Um foi seguir um caminho de teatro, outro de dança. Passávamos o tempo livre fazendo teatro juntos, mas o relacionamento porque não havia uma função para trocar a equipe. Tereza percebeu que não conseguia confiar nos outros e não controla. Ela decidiu trabalhar sozinha, mas o negócio está indo bem. Veja que o profissionalismo e responsabilidade que antes

## » Prós e contras

### Vantagens

- Há mais confiança nas pessoas
- Os filhos podem trabalhar com arte desde cedo e adquirir melhores habilidades
- Talentos complementares dos familiares contribuem para o sucesso
- A renda é mantida com a família

### Desvantagens

- A hierarquia doméstica costuma ser mantida no trabalho
- Despreocupação com honestidade abre brechas para atos incorretos
- É comum trazer problemas do trabalho para casa e vice-versa
- Conflitos e mágoas são levados para o lado pessoal
- O tratamento desigual dado a parentes e não parentes pode gerar desmotivação
- A cobrança tende a ser menor, o que pode levar a um desempenho medíocre
- Como não é fácil demitir um familiar, o esforço para resolver conflitos é maior
- Há tendência de competição e comparações, especialmente entre irmãos

\*Fontes: Helcio Miziara Filho, Julio Sergio Cardozo e Fábio Zugman.

Matéria sobre arte em família Correio Braziliense 2014

# Diversão & Arte



## INTERVENÇÃO ITINERANTE

Desde 1995, a Cia. Os Burity interfere no cenário cultural de Brasília. Há 5 anos, eles passaram a levar o teatro para regiões do país onde a arte anda escassa



» DIEGO PONCE DE LEÓN

Aqueles que acompanham o padrona teatral do Distrito Federal certamente já esbarrraram com o trabalho da Cia. Os Burity, fundada pela pedagoga, bailarina, atriz e diretora Eliane Carneiro, uma das mais aclamadas nomes das artes brasileiras. São 20 anos desde a fundação que nos presentearam com 10 espetáculos, a exemplo de Cordas e contos e O marajá sonhador e outras histórias.

Nem todos, no entanto, conhecem a Caravana Burity, um projeto itinerante que promove uma intervenção artística em escolas e regiões de pouco acesso a movimentos culturais, desde 2010. "A caravana parte da nossa vontade em aprofundar o contato com as crianças, professores e educadores sobre o papel da arte na formação educacional", conta a atriz e diretora Náira Carneiro, filha de Eliane.

Até todo, a Caravana Burity rodou mais de 7 mil quilômetros, alcançou 15 mil crianças e ofereceu mais de 400 espetáculos-oficina em 25 cidades diferentes. Além do DF, o projeto visitou escolas em Goiás e no Mato Grosso do Sul, sempre preferindo locais que costumam ser preteridos pela produção cultural, como centros urbanos considerados marginalizados, escolas rurais e tribos indígenas.

### Sobre rodas

Os objetos da caravana transcendem a simples apresentação de um espetáculo. "Oferecemos oficinas para os professores, na qual falamos sobre o papel da arte na educação e debatemos temas relacionados ao tema, mas também recebemos as crianças para aulas de contação de história e música, por exemplo", revela Náira. A relação com cada uma das escolas costuma se estender por mais de uma semana. "Chegamos a ficar 10 dias em um único local. A ideia é estabelecer um real diálogo e um contato afetivo com aquelas pessoas. Não se trata de algo pontual, superficial. A gente espera que as lições fiquem".

Sobre o assunto foi afeito, há muito amor envolvido com o "Caracirinho", o micro-ônibus que carrega a companhia para todas essas cidades. "É uma casa

móvel, de 1974. Já está velhinho e, de vez em quando, deixa-nos na mão no meio da estrada. Mas ele resiste", brinca a filha de Eliane. Além de servir como transporte, o veículo faz realmente o papel de casa. Ali, a equipe dorme e descansa durante essas andanças.

Tudo esforço se justifica ao perceberem o valor das ações que estão implementando por esses confines. São muitos os relatos de superação nesses últimos cinco anos. Náira acompanhou cada um deles e compartilha duas histórias que a emocionam: "Em uma oficina de contação de histórias, uma das mentiras da turma pegou uma boneca e começou a interagir. A professora da turma me disse, depois, que naquele momento, pela primeira vez, ela havia escutado a voz da aluna, que sempre se mantivera calada em sala".

Em outra ocasião, durante uma apresentação em uma escola rural, um dos alunos passou a interferir com o enredo. "A gente abre esse espaço para que eles interajam. E esse garoto teve uma participação linda. Incorporou os personagens, atou de verdade".

À final, alguns professores se aproximaram e se mostraram muito sensibilizados com o desempenho do rapaz no espetáculo. Foi quando Eliane soube que ele era um estudante "problemático". "Era rejeitado pela mãe, tinha uma postura difícil na escola. Os professores tinham uma relação de conflito com ele", ela recorda. A arte, de alguma maneira, o resgatou. E enquanto isso acontecia, a caravana seguia.

### Celebrações

As duas décadas de estrada da companhia pedem uma celebração à altura. Entre os festejos, o grupo está lançando um disco para as crianças. Cantos de encontro nasce de espetáculo homônimo e traz canções autorais para encantar os pequenos espectadores. Além do álbum, a companhia revisita quatro espetáculos do repertório em uma ocupação na Funarte, a partir do próximo fim de semana: O marajá sonhador e outras histórias (2004), Cordas e contos (2007), Cantos de encontro (2012) e Bumba — imagens do sagrado (2012). A programação inclui ainda uma oficina de dança-teatro com Eliane Carneiro, uma bela oportunidade de aprender com uma figura cãnone da arte de Brasília.



Em 2014, a Caravana Burity visitou diversas escolas pelo interior de Goiás, oferecendo oficinas e espetáculos



444  
Número de espetáculos-oficinas apresentados pela Caravana Burity em 5 anos